

A (NÃO) REALIZAÇÃO DO SUJEITO E A INTEGRAÇÃO DE ORAÇÕES

*Edair Gorski**

RESUMO

Discussão sobre a pertinência de se considerar parâmetros relativos ao sujeito para medir o grau de integração de orações combinadas, a partir de algumas propostas teóricas e de resultados quantitativos obtidos em diversos trabalhos sobre o assunto.

Palavras-chave: Integração de orações; Correferencialidade; Sujeito.

Propostas teóricas sobre combinação de orações têm apontado parâmetros relativos ao sujeito como relevantes para avaliar o grau de integração das orações (cf. Haiman & Thompson, 1984; Lehmann, 1988; Givón, 1990), os quais têm sido controlados, com esta finalidade, em estudos do português (cf. Braga, 1996; Neves & Braga, 1998; Paiva, 1999; Azevedo, 2000; Finck, 2000; Gorski, 2000, entre outros). Meu propósito, neste artigo, é apresentar uma síntese dessas propostas e, a partir de resultados de vários trabalhos sobre combinação de orações em português, evidenciar: a) correlações entre a não realização do sujeito, a correferencialidade e a redução de orações; b) a dependência dessas correlações aos tipos de relações semânticas expressas nas orações vinculadas; c) graus de integração como resultantes de a) e b). Por fim, com base nessa análise, discutir a pertinência desses parâmetros para a avaliação do grau de integração de orações e propor algumas generalizações sobre o assunto.

* Universidade Federal de Santa Catarina.

O artigo está organizado da seguinte forma: apresentação resumida de três propostas de parâmetros, metodologia, resultados e discussão e considerações finais.

SOBRE OS PARÂMETROS PARA AVALIAR O GRAU DE INTEGRAÇÃO

A proposta de Lehmann (1988)

Tendo como foco a questão do contínuo entre a coordenação e a subordinação, Lehmann propõe seis parâmetros relevantes, tidos como correlacionados porém mutuamente independentes, para medir a ligação de orações. Esses parâmetros são agrupados, dois a dois, nos seguintes pares:

a) autonomia vs integração

- rebaixamento hierárquico da oração subordinada (rumo à posição de constituinte da principal); também relacionado à ordem: a subordinação está mais sujeita a restrições gramaticais quanto à posição,¹ logo mais integrada
- nível sintático de vinculação da subordinada à principal

b) expansão vs redução

- dessentencialização da oração subordinada → constituinte simples da principal (o V torna-se não finito; o sujeito da subordinada é perdido ou torna-se oblíquo)
- gramaticalização do verbo principal (V lexical → modal, por exemplo)

c) isolamento vs ligação

- entrelaçamento das duas orações (partilhamento de elementos, com não realização de elementos comuns, por ex., de actantes, de predicado)
- grau de explicitude da ligação (conector)

No caso, a não expressão do sujeito da oração vinculada está relacionada a dois parâmetros: à dessentencialização, responsável pelo processo de redução de orações, e ao entrelaçamento, cuja partilha de elementos e conseqüente não realização de elemento idêntico caracteriza a ligação entre orações. Como a morfologia verbal reduzida também é responsável pela dessentencialização, temos a seguinte correlação, considerando o nível de abrangência de cada um desses aspectos: redução/ligação > dessentencialização/entrelaçamento > não realização do sujeito e morfologia verbal não finita/correferencialidade.

Assim, a ausência de sujeito expresso e de flexão verbal e a correferencialidade, tidas como indícios de dessentencialização e entrelaçamento, respectivamente, seriam responsáveis por um certo grau de integração entre orações ligadas.

¹ Observa-se que certos conectores podem forçar uma posição fixa para as orações que introduzem.

A proposta de Haiman & Thompson (1984)

Esses autores propõem um conjunto de parâmetros formais, não necessariamente correlacionados à subordinação ou à coordenação, para abordar a articulação de orações:

- identidade entre o sujeito, tempo e modo das orações interligadas
- redução de uma das orações
- incorporação, gramaticalmente sinalizada, de uma das orações
- laço entonacional entre as duas orações
- inclusão de uma das orações no escopo da outra
- ausência de iconicidade temporal entre as duas orações
- identidade entre as duas orações quanto à perspectiva do ato de fala

Como já alertou Braga (1996), apesar da superposição entre algumas das propriedades listadas por Lehmann e por Haiman & Thompson (os parâmetros relativos à ‘autonomia vs integração’ aproximam-se da ‘incorporação’ de Haiman & Thompson; os concernentes à ‘expansão vs redução’, por sua vez, assemelham-se à ‘redução’ e ‘inclusão de uma oração sob o escopo da outra’), há uma diferença de fundo: enquanto o primeiro distribui os parâmetros num contínuo entre a coordenação e a subordinação, procurando critérios universais, os últimos procuram desvinculá-los desses processos, questionando a universalidade do conceito de subordinação.

Retomo ainda Braga (*op. cit.*) para salientar que há uma certa divergência na interpretação atribuída a alguns parâmetros. Tomando como exemplo a expressão do sujeito, Haiman & Thompson interpretam a omissão desse constituinte por condições de ‘identidade entre os sujeitos’ (em termos de coordenação); já Lehmann associa a não realização do sujeito à ‘dessentencialização’ (subordinação). Pode-se acrescentar ainda que Lehmann associa, indiretamente, a não expressão do sujeito ao ‘entrelaçamento’ (nesse caso, por identidade de elementos). Observa-se, então, que, enquanto Lehmann trata distintamente a dessentencialização (associada à perda do sujeito da subordinada) e o entrelaçamento (associado ao partilhamento de elementos), Haiman & Thompson parecem tratar conjuntamente esses dois aspectos ao justificarem por condições de identidade a não realização do sujeito.

A proposta de Givón (1990)

Tratando de complementos oracionais, portanto de subordinação, Givón postula que quanto mais forte é o vínculo semântico entre dois eventos, mais integradas sintaticamente estão as orações que os codificam, o que é explicado pelo princípio icônico da proximidade. No que tange, especificamente, à relação entre integração e o que o autor denomina de coesão referencial, ele postula o seguinte: quanto mais os dois eventos codificados na oração principal e na complemento compartilham seus

referentes, maior a integração semântica entre eles; e menor a probabilidade de a oração complemento ser codificada como uma oração finita. Neste sentido, construções com verbos de modalidade (codificando início, término, persistência, intenção, habilidade), que apresentam correferencialidade de sujeitos, são mais integradas que as com verbos manipulativos e de cognição ou enunciação.

Podemos derivar daí que a maior integração semântica relacionada à partilha de referentes deve corresponder, no plano da codificação lingüística, à maior integração sintática decorrente do apagamento de sujeito cujo referente é partilhado. A esse respeito, Noonan (1985), discutindo a complementação, coloca a *equi-deletion* (apagamento do sujeito do complemento quando correferencial com algum argumento da matriz, sujeito ou objeto) como uma das características típicas dos sujeitos nocio-nais de infinitivo.

Em termos gerais, Givón aponta como mecanismos de codificação responsáveis pelos graus de integração de orações complemento: a co-lexicalização do verbo complemento com o principal, a marcação de caso do sujeito da oração complemento, a morfologia do verbo complemento, os elementos de subordinação que separam as duas orações.

Uma síntese das propostas

Parece indiscutível a correlação sistemática estabelecida entre não realização do sujeito e correferencialidade, o que é confirmado em inúmeros trabalhos em português.² Como ambas são apontadas, de forma independente ou não, para medir o grau de integração das orações, temos que quanto menos sujeito expresso na oração vinculada e quanto mais compartilhamento de constituintes nominais (correferencialidade total – de sujeitos, ou parcial – do sujeito da subordinada com outro constituinte da principal) maior a integração. E, em decorrência, quanto mais integração, mais subordinação. Nos termos de Hopper & Thompson (1993), quanto mais integrada a construção, mais gramaticalizada.

Permanece, porém, um aspecto divergente no que concerne à motivação para a não realização do sujeito: para Haiman & Thompson, explica-se pela condição de sujeito idêntico, tida como propriedade da coordenação; para os demais autores, a omissão do sujeito é explicada por correferencialidade (não necessariamente de sujeitos) e tida como um indício de subordinação. Esta última interpretação é assumida neste trabalho.

² Como Paredes da Silva (1988), Duarte (1993), Gorski (no prelo), entre outros.

METODOLOGIA

As seguintes hipóteses são verificadas:

- a) orações reduzidas (de infinitivo e de gerúndio) apresentam menos sujeito realizado do que as desenvolvidas;
- b) os sujeitos não realizados das orações reduzidas são mais correferenciais do que os não realizados das orações desenvolvidas;
- c) diferentes tipos semânticos de orações (finais, temporais, causais e condicionais), com diferentes morfologias verbais, apresentam comportamentos distintos entre si, em relação aos parâmetros observados;
- d) os tipos semânticos de orações distribuem-se diferentemente quanto a graus de integração, sendo as finais as mais fortemente integradas.

O material examinado consiste num apanhado de resultados obtidos por diversos autores em análises de combinação de orações em diferentes *corpora*: NURC – relações temporais e condicionais (Braga, 1996; Neves e Braga, 1998); VARSUL/SC – relações finais, temporais e causais (Finck, 2000; Gorski, 2000); CENSO/RJ – relações de causalidade (Paiva, 1999); textos escritos da norma culta – relações de finalidade (Azevedo, 2000).³

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresento e discuto os resultados em três subseções, mostrando correlações entre: a) a *não realização do sujeito* e o estatuto reduzido vs. não reduzido da oração; b) a conjugação dos fatores *não realização do sujeito* e *correferencialidade* e o estatuto da oração; e c) fatores relativos ao sujeito e o nível de vinculação sintática das orações de finalidade.

Os números dispostos nas tabelas correspondem a resultados para sujeito não expresso (Suj.0) e sujeito não expresso correferencial (Suj.0=) em orações reduzidas de infinitivo (INF) e de gerúndio (GER), orações desenvolvidas (DES) e orações coordenadas (COOR), conforme o tipo semântico da oração.⁴

³ Foram analisados dados dos seguintes tipos pelos diferentes pesquisadores: Azevedo (2000) – relações de finalidade: reduzidas INF, desenvolvidas e nominalizações; Braga (1996) – relações condicionais-temporais: reduzidas GER, desenvolvidas e coordenadas; Finck (2000) – relações de finalidade, temporais e causais: reduzidas INF vs. desenvolvidas (estudo variacionista); Gorski (2000) – orações *para* INF: todos os tipos; Neves & Braga (1998) – relações temporais e condicionais: desenvolvidas; Paiva (1999) – relações de causalidade: reduzidas INF, GER, desenvolvidas e coordenadas.

⁴ Os autores são assim identificados: (A) Azevedo; (B) Braga; (F) Finck; (G) Gorski; (N&B) Neves & Braga; (P) Paiva.

Correlação entre *não realização do sujeito* e estatuto reduzido vs. não reduzido da oração

Conforme se pode observar na Tabela 1, o índice de sujeito zero opõe, no geral, as INF/GER às DES/COOR, com percentual bem mais alto para as primeiras.

Tabela 1
Correlação entre a *não realização do sujeito* e a forma da oração vinculada para: finais, temporais, causais e condicionais

	FINAIS		TEMPORAIS		CAUSAIS		CONDICIONAIS	
	Freq.	% autor	Freq.	% autor	Freq.	% autor	Freq.	% autor
INF Suj.0	430/544 137/182 615/758	79 (G) 75 (F) 81 (A)	12/23	52 (F)	9/19	47 (P)		
GER Suj.0			18/34	53 (B)	11/11	100 (P)		
DES Suj.0	2/5 42/157	40 (F) 27 (A)	11/46 36/166 11/53	24 (F) 21 (B) 21 (N&B)	24/94 35/206	25 (F) 17 (P)	9/33	27 (N&B)
COOR Suj.0			13/46	30 (B)	44/115	38 (P)		

Entre as reduzidas, as INF sem sujeito expresso distribuem-se num contínuo:

Finais > Temporais > Causais
 (75-81%) (52%) (47%)

As GER restringem e invertem o contínuo, colocando as causais no topo, o que pode mostrar o caráter mais instável desse tipo:

Causais > Temporais
 (100%) (53%)

Nos tipos semânticos observados, apenas as temporais apresentam o mesmo comportamento no que se refere à não realização do sujeito com INF e GER. As finais só aparecem com INF e as causais na forma GER apresentam categoricamente o sujeito não realizado em oposição às de INF. Parece que à indagação se as reduzidas de INF seriam mais integradas que as reduzidas de GER (no que se refere à não realização do sujeito) teríamos uma resposta com restrição ao tipo semântico: as finais não podem ser comparadas; as temporais mostram o mesmo comportamento; e as causais mostram, pelo menos nos resultados de Paiva, que GER seria mais integrada que INF.

Entre as não reduzidas, também se verifica uma distribuição diferenciada, que opõe as coordenadas às desenvolvidas:

Coordenadas	>	Desenvolvidas
Causais e Temporais		Finais, Cond., Causais e Temp.
(38 e 30%)		(27/40, 27, 25/17 e 24/21%)

Este resultado para não preenchimento do sujeito coloca as coordenadas como um pouco mais propícias a ter sujeito não realizado do que as adverbiais desenvolvidas. (Observe-se que o percentual de 40% para as finais corresponde a apenas cinco ocorrências). Pode-se indagar se isso teria alguma implicação sobre o contínuo de integração existente entre a parataxe e a hipotaxe, já que a primeira (menos integrada) deveria apresentar menos marcas formais de vinculação do que a segunda, que recobriria as adverbiais em geral. Considere-se, no entanto, que, em função da condição de identidade de sujeitos, o esperado para as coordenadas seria maior apagamento. Segundo Braga (1996), a não realização do sujeito, no caso das temporais coordenadas, só não é maior em virtude da interferência da ordem, pois as orações temporais analisadas pela autora aparecem predominantemente em posição inicial.

Sobre as causais, pode-se dizer que as coordenadas são predominantemente justapostas ou ligadas por: *aí, então, e*; as desenvolvidas preferencialmente trazem o conector *porque/que*, seguido de *por isso, já que, como*. Talvez o tipo de elo entre as orações tenha alguma influência sobre a realização do sujeito da oração vinculada.

Enfim, quanto à não realização do sujeito (Suj.0), pode-se dizer que:

- reduzidas têm um percentual maior de sujeito não expresso que as desenvolvidas (cf. hipótese a);
- entre as reduzidas há um comportamento diferenciado dos tipos semânticos: enquanto as temporais comportam-se igualmente como INF e GER, as finais são só INF e as causais invertem sua distribuição, com as GER apresentando mais sujeito não realizado do que as INF (cf. hipótese c);
- os tipos semânticos não mostram diferenças relevantes entre si para as desenvolvidas e para as coordenadas, mas estas apresentam um índice mais alto de sujeito não realizado do que aquelas.

Correlação entre *não realização do sujeito correferencial* e estatuto reduzido vs. não reduzido da oração

A Tabela 2 é uma especificação da anterior, registrando os percentuais de sujeito não preenchido correferencial sobre o total de sujeitos omitidos.

A hipótese b) prevê uma correlação maior entre sujeitos não realizados correferenciais e orações reduzidas do que entre sujeitos não realizados correferenciais e orações desenvolvidas. Os resultados numéricos, todavia, não a confirmam total-

Tabela 2
Correlação entre a não realização do sujeito correferencial e a forma da oração vinculada para: finais, temporais, causais e condicionais

	FINAIS			TEMPORAIS		CAUSAIS		CONDICIONAIS	
	Freq.	%	autor	Freq.	%	autor	Freq.	%	autor
INF Suj.0=	260/430 106/137 504/615	60 77 82	(G) (F) (A)	7/12	58	(F)	6/9	66	(P)
GER Suj.0=				6/18	33	(B)	11/11	100	(P)
DES Suj.0=	0/2 10/42	00 24	(F) (A)	10/11 8/11	91 72	(F) (N&B)	13/24 3/35	54 8	(F) (P)
COOR Suj.0=							28/44	64	(P)

mente, apontando a necessidade de uma análise específica por função semântica (cf. hipótese c) e por tipo sintático de oração. Senão vejamos:

As orações finais mantêm a correlação prevista na hipótese b), pois de 60 a 82% dos sujeitos não realizados são correferenciais nas orações INF, contra 24% nas desenvolvidas (desconsiderando-se o número reduzido de dados de Finck).

As orações temporais mostram uma inversão: as reduzidas GER apresentam um percentual bem mais baixo de sujeito não expresso correferencial (33%) em relação às desenvolvidas (72 e 91%); já as reduzidas INF aproximam-se das finais, com 58% de sujeitos não expressos correferenciais.

As orações causais, por sua vez, opõem as reduzidas GER (100% de correferencialidade nos sujeitos não expressos) às demais, que oscilam entre 54 e 66% de correferencialidade, à exceção dos dados de Paiva que mostram os índices mais baixos, seja para sujeito não expresso, seja para não expresso e correferencial.

As condicionais não são reduzidas e apresentam 33% de correferencialidade para os sujeitos não expressos.

Portanto, em termos gerais temos que:

- a correlação forte estabelecida entre não realização do sujeito e estatuto reduzido da oração (Tab. 1) não se mantém ao se considerar adicionalmente a correferencialidade (Tab. 2). Logo, a não expressão do sujeito parece ser mais significativa do que a correferencialidade para opor reduzidas a não reduzidas;
- a conjugação dos fatores não expressão do sujeito e correferencialidade aplica-se de modo bastante homogêneo aos três tipos semânticos de orações re-

duzidas INF, opondo-as aos demais, com as causais reduzidas GER aproximando-se das temporais DES e as temporais GER assemelhando-se às causais DES. Logo, as motivações parecem ser divergentes: de um lado, a forma INF aproxima os diferentes tipos semânticos; de outro lado, são as relações semânticas de causa e tempo que interferem na correlação entre as características do sujeito e a forma reduzida ou desenvolvida da oração;

- os resultados da Tabela 2 evidenciam que a hipótese b) sofre restrição de tipo semântico da oração (confirmando-se apenas para as orações finais);
- considerando-se a forma e o tipo semântico da oração, verifica-se que as reduzidas INF e as finais são as que apresentam um comportamento mais claramente definido em relação ao sujeito.

As orações finais reduzidas são o foco da subseção seguinte.

Correlação entre nível de vinculação sintática de orações reduzidas e não realização do sujeito

Particularizando as finais reduzidas INF examinadas em Gorski (1999), conforme exemplificado:

- (1) Eu sempre ficava atenta *pra ver se via o meu pai* (FLP 1, L357)
- (2) Eu vou pedir *pra trazer um cafezinho pra gente* (FLP 1, L581)
- (3) O que eu ganho dá *pra nós comer, dá pra nós viver* (FLP 3, L562)
- (4) Mas este aqui foi um lugar bom *pra se morar* (FLP 6, L668)
- (5) Naquela época não existiam casarões, nem prédios, nem nada e dava *pra ver tudo aqui, né? Dava pra ver tudo bonito aqui* (FLP 18, L904)
- (6) Tem sempre alguém em cima dele, mas não alguém *pra ajudar, alguém pra prejudicar, né?* (FLP 17, L1349)
- (7) O tempo que eu tenho é só *pra fazer as coisas da casa* (FLP 17, L384)

observa-se que essas orações infinitivas parecem comportar-se ora como adverbial ADV (1), ora como complementos verbais OD e OI (2 e 3), como complemento nominal CN (4), ou sujeito SUBJ (5), ou ainda adjunto adnominal REL (6), ou predicativo PRED (7). Em outras palavras, elas apresentam diferentes níveis sintáticos de vinculação, ou graus de ‘rebaixamento hierárquico’, refletindo diferentes graus de integração. (cf. Lehmann, 1988)

Conforme já verificado na Tabela 1, em 79% dos dados analisados não há sujeito explícito. Desses, 60% apresentam identidade de sujeito (cf. Tab. 2) e 14% (59 dados) mostram o que chamamos de correferencialidade parcial. Portanto, sujeito não explicitado e correferencial são fatores preponderantes nas construções *para* INF. Ocorre, porém, que esses fatores comportam-se de modo diferenciado dependendo do nível de vinculação sintática estabelecido, conforme se pode notar nas tabelas abaixo, que apresentam resultados para cada tipo sintático de oração.

Tabela 3
Correlação entre a não realização do sujeito e os níveis
de vinculação sintática para INF

	ADV		REL		SUBJ		CN		OD		OI		PRED		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Suj.0	297	80	39	93	25	61	37	95	13	55	11	69	8	89	430	79
Total	373		42		41		39		24		16		9		544	

Adaptado de Gorski (1999, p. 11)

Tabela 4
Correlação entre a não realização do sujeito correferencial
e os níveis de vinculação sintática para INF*

	ADV		REL		SUBJ		CN		OD		OI		PRED		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Suj.0=	235	79	30	77	4	16	27	73	8	61	10	91	5	62	319	74
Total	297		39		25		37		13		11		8		430	

Adaptado de Gorski (1999, p. 11)

* Repare-se que o resultado para sujeito zero correferencial está incluindo as ocorrências de correferencialidade total (260), especificadas nas tabelas 1 e 2, mais os dados de correferencialidade parcial (59), daí o total obtido de 319.

Uma distribuição escalar dos tipos sintáticos a partir dos percentuais indicados nas tabelas nos dá, respectivamente, o seguinte:

Suj.0: CN/ REL > PRED > ADV > OI > SUBJ > OD

Suj.0= : OI > ADV/REL/CN > PRED/OD > SUBJ

O esperado era que se mantivesse o mesmo padrão distribucional. As diferenças, entretanto, não chegam a ser discrepantes, concentrando-se nas orações objetivas indiretas e predicativas. Há um comportamento muito aproximado entre as completivas nominais, relativas e adverbiais de um lado, e entre as subjetivas e objetivas diretas de outro. Essas últimas se particularizam pela superposição de funções (objeto da principal e sujeito da subordinada), possivelmente devido ao caráter manipulativo do verbo principal, o que implica sujeito diferente na cláusula *para* INF, frequentemente realizado na forma oblíqua, caracterizando o chamado sujeito híbrido.⁵

Esses diferentes níveis de vinculação sintática parecem ser exclusivos das construções *para* INF, ou seja, das que apresentam uma relação semântica de finalidade. Essa particularidade coloca as finais mais próximas da subordinação e as causais e

⁵ Ex.: Tu pediu inclusive *pra mim* falar sobre a minha religião (FLP 11, L177)

temporais mais próximas da hipotaxe (cf. Hopper & Thompson, 1993), sendo que, dentre as finais, as subjetivas seriam as menos subordinadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os objetivos e as hipóteses inicialmente apresentados, verificou-se que:

- existe uma correlação acentuada entre a omissão do sujeito e a redução oracional, ou seja, entre os fatores concernentes ao parâmetro dessentencialização (perda da morfologia verbal e do sujeito);
- existe uma correlação acentuada entre a omissão do sujeito e a correferencialidade, mas não entre a combinação de ambos e a redução oracional; isto é, apenas um dos fatores do parâmetro dessentencialização (perda do sujeito) está correlacionado expressivamente ao parâmetro entrelaçamento (correferencialidade); a morfologia verbal parece não ser sensível à correferencialidade, pelo menos não de forma significativa;
- essas correlações são dependentes dos diferentes tipos de relações semânticas expressas nas orações e, no caso das finais, são sensíveis a diferentes níveis sintáticos de vinculação.

Isso posto, pode-se concluir que:

- a) os fatores relativos ao sujeito não contribuem igualmente para a integração de orações articuladas via redução morfossintática;
- b) critérios atinentes ao sujeito são insuficientes para medir graus de integração;
- c) as relações semânticas das orações são particularmente importantes e devem ser levadas em conta ao se tratar de integração entre orações.

Portanto, é preciso relativizar a síntese das propostas assentadas no sujeito, apresentada na síntese das propostas e aqui retomada: quanto menos sujeito expresso na oração vinculada e quanto mais compartilhamento de constituintes nominais maior a integração e, em decorrência, mais subordinação. Se tal correlação fosse verdadeira, as orações temporais desenvolvidas e as causais reduzidas de gerúndio seriam os tipos mais integrados, logo mais subordinados (cf. Tab. 2).

Feitas essas ressalvas, arrisco uma escalaridade provisória, disposta em quatro níveis distribuídos percentualmente, para os diversos tipos semânticos, contando com os resultados dos fatores controlados nos diferentes estudos: forma da oração, sujeito omitido e sujeito omitido correferencial. Como os percentuais foram calculados relativamente a cada universo de dados analisados, a comparação dos resultados pode ser feita, embora com precaução.

Quadro 1
Níveis de integração dos diferentes tipos semânticos,
considerando a forma da oração e a não realização do sujeito

		++ (70-100)	+ - (50-69)	- (30-49)	-- (- de 29)
INF	0	finais	temporais	causais	X
	0=	finais	caus./temp.	X	X
GER	0	causais	temporais	X	X
	0=	causais	temporais	X	X
DES	0	X	X	finais	cond./temp./caus.
	0=	temporais	X	caus./cond.	X
COOR	0	X	X	caus./temp.	X
	0=	X	causais	X	X

A irregularidade na distribuição é um forte indício de que cada tipo semântico tem mecanismos próprios de articulação. E mais: as diferentes relações semânticas situam-se em pontos distintos num contínuo de integração. Ressalte-se ainda que a escala pode ser desdobrada internamente em cada um dos níveis que foram, de certa forma, arbitrariamente recortados, de sorte que, nas INF 0=, por exemplo, as causais precederiam as temporais; nas DES 0, as condicionais precederiam as temporais, e assim por diante.

ABSTRACT

In this paper I discuss the utilization of parameters relative to subject in order to evaluate the degree of integration in clause combining and point its limitations, based on some theoretical propositions and quantitative results observed in different works about this topic.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, João Luiz Ferreira de. **A expressão de finalidade no português**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. (Tese, Doutorado).
- BRAGA, Maria Luiza. Processos de redução: o caso das orações de gerúndio. In: KOCH, I. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Unicamp/Fapesp, v. VI, 1996.
- DUARTE, Maria Eugênia L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Unicamp, 1993.
- FINCK, Diomara. **Expansão e redução de cláusulas infinitivas na fala de Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, 2000. (Dissertação, Mestrado).
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, v. II, 1990.
- GORSKI, Edair. Variação no uso do infinitivo pessoal. **Organon**. Porto Alegre, UFRGS (no prelo).
- GORSKI, Edair. Níveis de integração de cláusulas *para* + Infinitivo. In: SEMINÁRIO DO GEL, 17, 1999, Bauru, SP. **Estudos Linguísticos XXIX**. Assis/SP: Unesp, 2000. p. 88-102.
- HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra. 'Subordination' in universal grammar. **Proceedings of the Tenth Annual Meeting of Berkley Linguistics Society**. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Philadelphia: J. Benjamins, 1988.
- NEVES, Maria Helena de Moura; BRAGA, Maria Luiza. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição. In: D.E.L.T.A., São Paulo, v. 14, n. especial, 1998.
- NOONAN, Michael. Complementation. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**. Cambridge: Cambridge University Press, v. II, 1985.
- PAIVA, Maria da Conceição de. **Formas de expressão de causalidade**. Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. **Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1988. (Tese, Doutorado).